

Fotos: Divulgação



OUSADIA
Construir um túnel em Salvador não é tarefa trivial. A cidade é marcada por um relevo acidentado, com encostas, vales e áreas densamente ocupadas. Obstáculos

Túnel Américo Simas: engenharia e desafios

Entre o concreto, o aço e a persistência, o Túnel Américo Simas se ergue como uma das obras mais estratégicas da mobilidade urbana de Salvador. Mais do que um simples corredor subterrâneo, ele representa uma solução engenhosa para um dos maiores desafios da cidade: vencer as barreiras geográficas e urbanísticas que historicamente dificultam o deslocamento entre suas regiões.

Um desafio escavado na geografia

Construir um túnel em Salvador não é tarefa trivial. A cidade é marcada por um re-

levo acidentado, com encostas, vales e áreas densamente ocupadas. No caso do Túnel Américo Simas, os engenheiros tiveram que lidar com:

Solo heterogêneo e instável, exigindo técnicas específicas de escavação e contenção

Presença de lençóis freáticos, que demandaram sistemas de drenagem e impermeabilização eficientes

Impacto em áreas urbanizadas, com necessidade de minimizar transtornos à população e ao tráfego durante as obras

Além disso, houve o desafio de integrar o túnel a importantes vias da cidade, es-

pecialmente a Avenida Bonôco, um dos principais eixos de ligação entre diferentes zonas da capital baiana.

ENGENHARIA E PLANEJAMENTO

A execução da obra exigiu um alto nível de planejamento técnico e coordenação. Entre os aspectos mais relevantes:

Uso de técnicas modernas de escoramento, garantindo a estabilidade das escavações

Monitoramento constante da estrutura, para evitar riscos de deslizamentos

Logística complexa, com transporte de materiais e

equipamentos em áreas de difícil acesso

Cada etapa foi pensada para garantir segurança, durabilidade e eficiência, elementos essenciais em uma obra de grande porte inserida em ambiente urbano consolidado.

IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA PARA A MOBILIDADE

A entrega do Túnel Américo Simas trouxe ganhos significativos para Salvador:

Redução do tempo de deslocamento entre regiões importantes da cidade

Desafogamento do tráfego em vias sobrecarregadas

Melhoria na fluidez urba-

na, especialmente em horários de pico

Mais do que isso, o túnel contribui para uma cidade mais conectada, permitindo que trabalhadores, estudantes e serviços circulem com maior eficiência.

UM SÍMBOLO DE INTEGRAÇÃO URBANA

Em uma cidade historicamente marcada pela divisão entre “cidade alta” e “cidade baixa”, obras como o Túnel Américo Simas ajudam a encurtar distâncias — não apenas físicas, mas também sociais e econômicas.

Ele se soma a outras intervenções estruturantes que

buscam modernizar Salvador, respeitando suas particularidades geográficas e históricas.

ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Ao mesmo tempo em que responde a demandas contemporâneas de mobilidade, o túnel aponta para o futuro da cidade: um urbanismo mais integrado, resiliente e atento às necessidades da população. O Túnel Américo Simas não é apenas concreto sob a terra — é uma passagem simbólica entre os desafios históricos de Salvador e as soluções que moldam seu amanhã.

Brisa da Ribeira: o frescor que molda o bairro e um estilo de vida

Na orla da Ribeira, onde a cidade parece desacelerar diante da vastidão da Baía de Todos-os-Santos, há um elemento invisível que organiza o tempo e a vida: a brisa. Não é apenas vento. É presença constante, quase uma personagem silenciosa que percorre as ruas estreitas, invade as casas antigas e se acomoda nas calçadas, onde moradores se sentam para contemplar o mar.

Ali, o gesto de “sentar na calçada” não é banal — é ritual. No fim da tarde, quando o sol ainda insiste, mas já começa a ceder, a brisa chega como alívio. Vem carregada de sal, de memória e de um frescor que atravessa o corpo. Não raro, é ela que convida o morador a puxar a cadeira, a interromper a pressa e a simplesmente estar.

UM CLIMA QUE DESENHA HÁBITOS

A Ribeira, com seu traçado urbano voltado para o mar, favorece a circulação desse vento constante. As casas antigas, muitas com portas e janelas largas, parecem ter sido pensadas para acolher essa ventilação natural. A brisa entra, percorre os cômodos e suaviza o calor tropical — um privilégio que, por ali, dispensa pressa e ar-condicionado.

Essa condição climática molda hábitos. Crianças brincam nas ruas, idosos conversam nas portas de casa, vizinhos trocam histórias

enquanto observam o movimento das marés. A brisa não apenas refresca: ela aproxima.

A PAUSA COMO CULTURA

Há, na Ribeira, uma pedagogia do tempo lento. Sentar-se à frente do mar, deixar-se tocar pelo vento e observar o horizonte não é perda de tempo — é forma de existência. A brisa ensina a pausa, cria intervalos no cotidiano e transforma a paisagem em companhia.

Ao contrário de áreas mais agitadas da cidade, ali o valor não está na pressa, mas na permanência. O frescor que chega do mar funciona como convite permanente ao descanso, à conversa despreocupada, ao olhar que se demora.

ENTRE O NATURAL E O AFETIVO

Mais do que um fenômeno climático, a brisa da Ribeira é também um patrimônio afetivo. Quem vive ali reconhece sua ausência, sente sua chegada e a incorpora ao próprio ritmo de vida. Ela marca o entardecer, anuncia a noite e embala lembranças. É nesse encontro entre natureza e cotidiano que a Ribeira se revela: um lugar onde o vento não apenas passa — ele fica, participa, constrói vínculos. E, ao tocar quem se senta na calçada de frente para o mar, reafirma, dia após dia, a delicada arte de viver com o tempo.

